

## EMPREENDEDORISMO SOCIAL



Foto: Incubadora Social/UFSM

**Santa Maria – RS, 2022**

**CONTEÚDO ELABORADO POR:**

Prof<sup>a</sup> Letícia Lengler  
Acadêmico Felipe Cavalheiro Zaluski

**EQUIPE TÉCNICA:**

Arthur Humbelino dos Santos  
Clayton dos Santos Lima  
Felipe Cavalheiro Zaluski

**EQUIPE DA INCUBADORA SOCIAL E PRE:**

Lucas Veiga Avilla – CHEFE DE INCUBADORA SOCIAL  
Elisandra Della-Flora Weinitschke – TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS DA IS-UFSM  
Jaciele Carine Sell – COORDENADORA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E CIDADANIA (CODERC)  
Flavi Ferreira Lisboa Filho – PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO (PRE)

Incubadora Social da UFSM  
Avenida Roraima, 1000, prédio 47, sala 963, Bairro Camobi  
Santa Maria – RS.  
CEP: 97105-900  
E-mail: [incubadorasocial@uftsms.br](mailto:incubadorasocial@uftsms.br)

## **1. INTRODUÇÃO DO TEMA E RELAÇÃO COM A INCUBAÇÃO SOCIAL**

Foi a partir da década de 70 que o termo “empreendedorismo social” foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos. No Brasil, o conceito tem se intensificado nos últimos anos, mas já há muito tempo que empresas sociais brasileiras vêm executando ações visando atender problemas pontuais com campanhas ou arrecadação de recursos.

Qualquer ideia que envolva relações comerciais e tenha como foco o benefício da sociedade entra na classificação do empreendedorismo social, incluindo modelos com e sem fins lucrativos, que mesclam atividades de voluntariado, filantropia e economia solidária. O importante no empreendedorismo social é que o negócio seja motivado por um propósito acima dos lucros, assim como a noção de sucesso deste negócio seja a contribuição para uma sociedade melhor (NEON, 2021).

Neste contexto, o empreendedorismo social é um conceito que possibilita a construção de negócios cujo maior impacto são melhorias à sociedade. Ou seja, as empresas sociais existem, principalmente, para promover soluções que geram mudanças na realidade de pessoas e/ou comunidades vulneráveis. Elas podem fazer isso oferecendo capacitação, emprego, oportunidades de tratamento de saúde, atuando na preservação ao meio ambiente, entre outras possibilidades (SANTOS Jr., 2020).

Atualmente, a ideia de conciliar negócios com causas sociais é muito atrativa para os empreendedores que procuram um propósito maior para suas carreiras. É por isso que muitas das chamadas startups de impacto social têm se multiplicado e colocado a inovação a serviço da comunidade local e global.

É importante salientar o caráter local do empreendedorismo social. É comum que a história da iniciativa de um empreendedor social esteja ligada a um problema que uma pessoa/grupo enxerga em suas comunidades (SANTOS Jr., 2020). E, a partir disso, buscar uma solução que beneficie a todos. O problema pode até estar presente em outros locais e, assim, a solução ser “escalável”. É neste ponto que as incubadoras sociais auxiliam estes empreendimentos, oportunizando organização e consolidação aos empreendimentos sociais incubados.

## **2. CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDIMENTO SOCIAL**

O campo do empreendedorismo social vem se expandindo mundialmente e inclui um conjunto diversificado de organizações da sociedade civil (OSC), negócios sociais (social business) ou empresas sociais (social enterprise), que podem ser lucrativas ou não, e cuja intencionalidade e missão organizacional é gerar impacto socioambiental. Neste contexto, o empreendedorismo social surge como um conceito ainda em desenvolvimento, mas com características e estratégias próprias, apresentando diferenças de uma gestão social tradicional (VERGA; SILVA, 2014).

O Empreendedorismo Social tem por finalidade intervir e transformar positivamente a vida de pessoas e de comunidades que estão em situação de vulnerabilidade social e não são assistidas pelos governos que, nas últimas décadas, têm reduzido a aplicação de recursos em políticas públicas na área social (WAGNER, 2021). Apesar de simples, essa definição traz 3 conceitos importantes que ajudam a determinar com exatidão o que é empreendedorismo social:

**Quadro 01: Conceitos do Empreendedorismo Social:**

<b>Soluções inovadoras para problemas sociais</b>	Encontram formas engenhosas de resolver dilemas da sociedade, da mesma forma que empresas buscam formas engenhosas de extrair lucro de suas operações.
<b>Pode ou não extrair lucro</b>	Um empreendimento social pode ou não perseguir, além do bem-estar social, a lucratividade.
<b>Resolver os problemas de maneira sustentável</b>	Buscam resolver um problema de maneira definitiva, com uma solução que possa ser aplicada ao longo do tempo, e não uma ação pontual.

Fonte: Wagner (2001)

Diante dessa explicação, questiona-se: qual a diferença entre essas iniciativas e o trabalho de organizações do terceiro setor? Embora lutem por causas em comum, o empreendedorismo social não depende somente de 5 doações para sobreviver. Parte ou o total de suas receitas vêm de produtos e serviços, assim como em qualquer outra empresa.

No entanto, esse modelo não tem o lucro como objetivo central, e, sim, o valor agregado a uma sociedade. Enquanto o empreendedor “comum” cria um negócio para obter lucro, atendendo uma demanda do mercado, o empreendedor social toma uma iniciativa para resolver um problema, atender uma necessidade social, normalmente percebida em sua localidade, na comunidade onde ele vive e ou trabalha. O próximo capítulo trará com mais aprofundamento essa diferença.

#### **a. DIFERENÇAS ENTRE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E EMPREENDEDORISMO TRADICIONAL**

O empreendedorismo tradicional é orientado ao conceito do qual as empresas oferecem serviços e produtos à sociedade. Assim, essas organizações conseguem lucrar e prosperar cada vez mais com aquilo que arrecadam com as suas vendas. Já, no empreendedorismo social, também pode haver lucro, mas, nesse caso, existe também um grande objetivo de levar mais qualidade de vida à sociedade (MARQUES, 2021).

As empresas baseadas no empreendedorismo tradicional podem até fazer algum tipo de ação em benefício de determinadas causas sociais. Já no empreendedorismo social, as causas sociais são o principal motivo da sua existência.

Outra diferença importante é que as empresas tradicionais segmentam o mercado com vistas a atender a um público-alvo específico, que possa pagar pelas soluções que comercializa. A empresa social, entretanto, vai ao encontro de populações carentes, marginalizadas e não atendidas pelo empreendedorismo clássico ou até por políticas públicas. Por isso, ela até pode ter fins lucrativos, mas o seu principal propósito é atender aos apelos de grupos mais necessitados.

Ainda, é importante destacar que ao contrário de uma organização não governamental (ONG) ou de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), os negócios representantes do empreendedorismo social visam ao lucro. Sua intenção é se autossustentar a partir da comercialização do seu produto ou serviço em primeiro lugar, e não ter como fonte de renda doações e patrocínios.

Por isso, as empresas baseadas no empreendedorismo social também são, por vezes, enquadradas no “setor dois e meio”. É uma referência à divisão sociológica que considera o estado com o primeiro setor, as empresas como o segundo setor e as instituições sem fins lucrativos como terceiro setor. Os empreendimentos sociais, portanto, ocupam uma posição intermediária entre o segundo e o terceiro setor – buscam o lucro, mas, ao mesmo tempo, o bem-estar social.

A diferença nas empresas sociais é que elas não dependem de doações, sejam governamentais ou privadas, para seguirem na ativa, o que representa uma grande dificuldade. Elas se baseiam na possibilidade de se obter lucro e ainda dar importantes contribuições à sociedade.

Neste contexto apresentado é comum o questionamento sobre o papel do lucro nessas empresas sociais. Afinal, o empreendedorismo social pode gerar lucro? Sim, um empreendimento social pode gerar lucro, mesmo que não seja esse o seu objetivo. A finalidade de um negócio desse tipo é a geração de benefícios transformacionais em larga escala, sem abrir mão do controle financeiro que garantirá a sustentabilidade do negócio.

Mesmo nos empreendimentos sociais com fins lucrativos, o lucro não assume um papel de grande protagonismo. Ainda que seja perseguido, não há nesse modelo de negócio a preocupação com a maximização do retorno financeiro, pois o que se busca é a contribuição para a resolução de problemas sociais.

## **b. O PAPEL DO EMPREENDEDOR**

Neste tópico, busca-se apresentar um breve contexto histórico de evolução da Economia Solidária, em um primeiro momento no cenário mundial, para depois

trazer as matrizes brasileiras. Segundo apresentado por Leal e Rodrigues (2018), durante o início do século XIX o continente europeu conhecia uma nova realidade marcada pela Primeira Revolução Industrial. E neste período, com o surgimento da máquina a vapor, com a grande intensificação da força industrial, com isso provocando uma enorme substituição humana com condições de trabalho cada vez mais degradantes e forte desemprego e miséria, surgem os primeiros traços do que seria a Economia Solidária, ainda sob a forma de Economia Social, como forma de reação a precariedade vivida na época.

E, segundo Ogando (2011), corroborando com a ideia, as primeiras formas associativas estão relacionadas, praticamente, às primeiras formas capitalistas de produção, mostrando a íntima relação entre ambas. Com isso, segundo o mesmo autor, frente às precárias condições de vida, forte desigualdade social enfrentada e falta de oportunidades na época, foi necessária uma forma de organização e trabalho que não pautasse naqueles que detinham os meios de produção e que utilizava o trabalhador apenas para obtenção de seus objetivos desenfreadados, e sim numa forma de trabalho ligada à grande maioria dos trabalhadores, que pudesse proporcionar melhores condições a estes.

Destaca-se, segundo Leal e Rodrigues (2018) que a Economia Solidária chegou à América, tanto do Norte quanto da América Latina, com o desenvolvimento da teoria econômica da autogestão, na década de 1980. Já no Brasil, através de importantes ações ao final dos anos 1980 a Economia Solidária se fundou. Na imagem abaixo é apresentada uma pequena construção histórica da Economia Solidária no Brasil. Nota-se que inicialmente houve pouca participação estatal na consecução da Economia Solidária, porém com o fortalecimento do movimento, ele começou a receber um apoio maior do Estado. Porém, recentemente foi subtraído através de movimentações políticas diversas, mas mesmo com esse enfraquecimento no fomento da Economia Solidária, movimentos e coletivos sociais diversos crescem e cada vez mais em nosso país.

### **c. EXEMPLOS PRÁTICOS**

Todo o contexto apresentado até aqui sobre o empreendedorismo social apresenta uma noção de como esse fenômeno funciona, seus benefícios e possibilidades. Deste modo, para compreender melhor os conceitos, apresenta-se a seguir alguns empreendimentos sociais que vêm, na prática, impactando positivamente a sociedade.

#### **i. Grameen Bank**

Idealizado pelo bengalês Muhammad Yunus, o banco é um dos empreendimentos sociais mais populares do mundo. O processo de criação

deste 8 empreendimento social começou na década de 70 em Bangladesh, onde a população pobre não conseguia crédito junto aos bancos, ainda que fosse para abrir um novo negócio (SANTOS Jr., 2020).

Sempre que precisavam pegar dinheiro emprestado, essas pessoas tinham de recorrer a agiotas, que cobram juros abusivos. Então, o empreendedor pensou em um jeito de provar que os empréstimos para essa faixa da população tinham risco baixo, atraindo investidores para estruturar seu próprio banco de microcrédito (SANTOS Jr., 2020).

A organização rendeu o Prêmio Nobel da Paz a Yunus em 2006 e, em 2011, já havia auxiliado famílias pobres com quase US\$ 10 bilhões. Naquele ano, em entrevista à Revista Exame (VITAL, 2011), o empreendedor afirmou não temer a inadimplência, esclarecendo que:

“NOSSO MODELO DE NEGÓCIOS TEM SE PROVADO EFICIENTE DESDE O INÍCIO, NOS ANOS 70. NUNCA TIVEMOS PROBLEMAS DESSE TIPO EM NENHUM LUGAR. NOSSA TAXA HISTÓRICA DE ADIMPLÊNCIA É 97%. SÓ EM 2009 EMPRESTAMOS MAIS DE 1,2 BILHÃO DE DÓLARES E RECUPERAMOS TODO O DINHEIRO.”

Ele mesmo emprestou US \$27 a 42 mulheres de uma comunidade, que investem em ferramentas de trabalho e conseguiram pagar todas as parcelas. A partir dessa experiência bem-sucedida, nasceu o Grameen Bank, que concede pequenos empréstimos para dar suporte à produção e redução da pobreza em diversos países (GRAMEEN BANK, 2021).

**Figura 01: Sede do Grameen Bank**



Fonte: Grameen Bank (2021)

## ii. GRAACC

O Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAACC) é um dos negócios sociais mais populares no Brasil. A entidade foi criada em 1991, por meio de uma parceria entre o pediatra Antonio Sérgio Petrilli, o engenheiro Jacinto Guidolin e a voluntária Lea Della Casa Mingione.

A equipe desejava melhorar as chances de cura para crianças com câncer e, em 1998, conquistou colaboração técnico-científica junto à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Dessa forma, o GRAACC se tornou referência no tratamento ao câncer infantil, sendo mantido através da venda de produtos em bazares, loja virtual e doações (SANTOS Jr., 2020).

**Figura 02: Campanha para doação idealizada pelo GRAACC**



Fonte: Neo Mondo (2020)

### **iii. Livre**

A Livre é uma startup premiada do empreendedorismo social brasileiro que oferece equipamentos para ampliar a mobilidade de pessoas com deficiência. A missão da empresa é “recuperar a liberdade perdida” desses cidadãos, oferecendo o chamado “Kit Livre”: um mecanismo que pode ser agregado à cadeira de rodas para se tornar um triciclo elétrico motorizado (NEON, 2021).

A solução tem autonomia de 25 quilômetros e ajuda pessoas com deficiência a superarem qualquer terreno, recuperando o protagonismo de suas vidas (KIT LIVRE, 2021).

**Figura 03: Cadeira de rodas comercializada pela Livre**



Fonte: Kit Livre (2021)

#### **iv. Institute for OneWorld Health**

Victoria Hale é uma cientista farmacêutica que foi ficando cada vez mais frustrada com as forças do mercado que dominam sua área de atuação. Embora as grandes empresas farmacêuticas detivessem patentes de drogas capazes de curar inúmeras doenças infecciosas, as drogas não foram desenvolvidas por uma simples razão: as populações que mais necessitavam desses remédios não podiam pagar por elas.

A empreendedora social criou o Institute for OneWorld Health, a primeira empresa farmacêutica sem fins lucrativos do mundo, cuja missão é garantir que as drogas direcionadas a doenças infecciosas no mundo em desenvolvimento cheguem às pessoas que delas precisam, independentemente de sua capacidade de pagar por elas.

A empresa social desenvolveu, testou e garantiu com sucesso a aprovação regulatória do governo indiano para seu primeiro medicamento, a paromomicina, que proporciona, sem grandes custos, a cura para a leishmaniose visceral, uma doença que mata mais de 200.000 pessoas a cada ano (ONE WORLD HEALTH, 2021).

**Figura 04: Atendimento realizado pelo Institute for OneWorld Health**



Fonte: Institute for OneWorld Health (2021)

#### **v. Aravind Eye Care System**

O Aravind Eye Care System vem desde 1976 com o propósito claro de eliminar a cegueira evitável. Com mais de 4,5 mil cirurgias e procedimentos oculares por ano, esse serviço cuida da população vulnerável da Índia oferecendo um atendimento acessível e de qualidade.

Esse sistema de atendimento oftalmológico proposto pela empresa social é inovador quanto ao seu modelo de autossustentabilidade. O valor acessível dos seus serviços aliado ao alto volume de pacientes garante que a instituição consiga manter sua saúde financeira sem descuidar da missão de oferecer saúde ocular com equidade (ARAVIND, 2021).

**Figura 05: Desenvolvimento e produção de material oftalmológico**



Fonte: Aravind Eye Care System (2021)

## vi. Associação para Igualdade de Diferença (ASID)

Existem 13 milhões de pessoas com diversos tipos de deficiência no Brasil. Cerca de 486 mil estão no mercado de trabalho. Apenas 340 mil são atendidas por instituições especializadas.

A ASID, Associação para Igualdade de Diferenças, surgiu para mudar esse cenário. O objetivo é desenvolver pessoas com deficiência, empoderar famílias e incluí-las no mercado de trabalho. Isso é feito por meio de uma metodologia administrativa, utilizada pelas entidades atendidas pela ASID.

Figura 06: Ações realizadas pela ASID



Fonte: Aravind Eye Care System (2021)

## vii. Rede Asta

A Rede Asta conecta, desde 2005, grupos de artesãs em todo o Brasil para criar e desenvolver soluções sustentáveis de reaproveitamento de resíduos, seguindo o conceito do upcycling. Upcycling, ou reutilização criativa, consiste em transformar resíduos e materiais indesejados em um produto de qualidade e valor ambiental. A produção é inteiramente feita por artesãs de áreas com baixo poder aquisitivo, gerando renda e inclusão econômica.



Figura 07: Produção de EPIs pela Rede Asta

Fonte: Rede Asta (2021)

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todo o contexto apresentado sobre o empreendedorismo social, pode-se perceber que ele não exige grandes esforços na tentativa de solucionar os problemas através de ações. É um desafio permanente que segue uma visão através da criação de empreendimentos sociais voltados para a geração de oportunidades e auxílio à sociedade que muitas vezes não possuem oportunidades dignas ou estão à margem de determinadas políticas do governo.

Percebeu-se a relevância da temática desde a suas concepções e ações práticas ao longo dos anos. Destaca-se a diferenciação entre o empreendedorismo social e o tradicional, bem como o papel do lucro no modelo de empreendedorismo social. Ainda, elucidou-se a importância do papel do empreendedor social no desenvolvimento e continuidade das empresas sociais.

Concluindo a leitura, pode-se compreender as ações práticas do empreendedorismo social, sua importância e contribuição para diminuir as desigualdades. Por isso, nos projetos dos empreendimentos sociais devem existir conhecimentos, habilidades, competências e posturas para produzirem resultados positivos transformados em ações sociais.

## REFERÊNCIAS

- ARAVIND. **Página oficial**. 2021. Disponível em: <https://aravind.org/>. Acesso em 26 de set. 2021.
- ASID. **Site oficial**. 2021. Disponível em: <https://asidbrasil.org.br/br/>. Acesso em 08 de dez. 2021.
- GRAMEER BANK. **Página oficial**. 2021. Disponível em: <https://grameenbank.org/>. Acesso em 24 de set. 2021.
- LIVRE. **Página oficial**. 2021. Disponível em: <http://www.kitlivre.com/>. Acesso em 19 de set. 2021.
- MARQUES, J. R. **Empreendedorismo social – um novo conceito entre os empresários**. 2021. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/empreendedorismo-social-um-novo-conceito-entre-os-empresarios/>. Acesso em 19 de set. 2021.
- NEO MONDO. **GRAACC lança nova campanha – “A gente sabe”**. 2020. Disponível em: <http://www.neomondo.org.br/2020/04/14/graacc-lanca-nova-campanha-a-gente-sabe/>. Acesso em 20 de set. 2021.
- NEON. **O que é empreendedorismo social e como começar um projeto?** 2021. Disponível em: <https://focanodinheiro.neon.com.br/empreender/empreendedorismo-social>. Acesso em 24 de set. 2021.
- ONE WORLD HEALTH. **Página oficial**. 2021. Disponível em: <https://oneworldhealth.com/>. Acesso em 21 de set. 2021.
- REDE ASTA. **Site oficial**. Disponível em: <https://www.redeasta.com.br/>. Acesso em 08 de dez. 2021.
- SANTOS Jr., A. S. **Empreendedorismo Social: o que é, características e estudos de caso**. 2020. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/empreendedorismo-social/>. Acesso em: 25 de set. 2021.
- VITAL, N. **A operação do Grameen Bank no Brasil começou**. 2011. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/operacao-grameen-bank-brasil-comecou-571841/>. Acesso em 35 de set. 2021.
- WAGNER, D. **Afinal, o que realmente é empreendedorismo social?** 2021. Disponível em: <https://meetime.com.br/blog/gestao-empresarial/empreendedorismo-social>. Acesso em 24 de set. 2021.